



GT 29. Diálogos nas fronteiras: a Educação e a Escola como objetos de investigação na Antropologia.

Coordenador(es):

Sandra de Fátima Pereira Tosta (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

Gilmar Rocha (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Anderson Tibau (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Tânia Dauster Magalhães e Silva (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Os debates entre Antropologia e Educação vem sendo realizados desde os anos de 1990 em fóruns científicos no Brasil e no exterior, tendo como referências pesquisas que apresentam as várias possibilidades e desafios da produção científica em perspectiva interdisciplinar e comparada. Uma proposição é clara na delimitação destes debates, qual seja, a de entender o fenômeno da educação não apenas em termos escolares, mas como um processo que remete às aprendizagens nas culturas. Eventos tais como IUAES, RBA, RAM, ALA, têm acolhido estes debates por meio de gts, mesas redondas, simpósios etc. Num rápido balanço das abordagens contempladas nestes eventos e nas publicações que circulam no meio acadêmico, destacam-se: usos da etnografia na pesquisa educacional, o ensino da antropologia para não antropólogos, escola, diferença e diversidade cultural, educação indígena e as pedagogias diferenciadas. Contudo, uma dimensão ainda pouco explorada diz respeito à seguinte problematização: quando antropólogos elegem como tema de investigação questões relacionadas à educação, de que modos isto se configura? Uso de metodologias do tipo estudo de caso, história de vida etc, além da etnografia, e, teoricamente, quais os autores que deram suporte ou dialogaram com o campo? Assim, este GT objetiva reunir antropólogos do Brasil e do exterior que pesquisam fenômenos educacionais a fim de promover uma ampla exposição e debate visando o aprofundamento da compreensão destes diálogos interdisciplinares.

Desafios teóricos e metodológicos na análise das histórias de vida de alunos em processo de alfabetização.

Autoria: Tatiana Arnaud Coutinho Cipiniuk (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A temática que abarca antropologia e educação quando direcionada à pesquisa etnográfica, no chão da escola, traz desafios aos seus pressupostos teóricos- metodológicos. Alguns desses desafios apresento como proposta de debate face a pesquisa que realizei com alunos afiliados em instituição de educação pública na modalidade de educação de jovens e adultos (PEJA) para alunos em processo de alfabetização tardia. A opção pela metodologia que corresponde ao exame das histórias ou relatos de vida foram um desses desafios. Por essa configuração escolhi sete itinerários de alunos num universo de 97 com o propósito de sistematizar as condições de possibilidade de relativas objetivações de intenções e de ações práticas, todas direcionadas em função da convivência com a ordem letrada. Nesta configuração optei, como aporte metodológico, a utilização de entrevistas livres, isto é, diálogos regulados pelas próprias experiências dos alunos, sem controle de tempo e espaço determinado. Nesse processo, a relação entre pesquisador e pesquisados tomou dimensões específicas que acabaram por influenciar indiretamente na forma como alguns entrevistados aderiram à pesquisa. Essa relação contribuiu para que fosse possível deslocar o objeto do discurso antropológico para a condição de sujeito do discurso possibilitando assim uma real interlocução com os



alunos em suas sociabilidades no espaço escolar e fora dele. Apesar das vantagens que a análise das histórias de vida propõe considero que essa abordagem possui algumas armadilhas, dentre elas, o risco de representar as considerações dos pesquisados como uma ideia em linha reta. Assim, o ponto central deste work é colocar em debate as consequências teóricas e metodológicas que a experiência etnográfica traz às pesquisas tão emergentes no campo de saber da antropologia bem como da educação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: